

**O uso de drogas no século XXI**

***Maria Luiza Mota Miranda***

Vou dividir minha fala em duas partes:

- na primeira, trago algumas considerações , inspiradas na mesa de ontem à tarde - as toxicomanias no século XXI. Reflexões que têm orientado os nossos dispositivos clínicos: que é a segunda parte da minha fala.

Ontem o debate girou em torno das respostas adequadas ao momento; legalizar, eliminar as formas de controle social. Vou propor, para além das respostas, introduzir a pergunta, introduzir o por quê. Por quê só a partir da metade do séc.XX esse acontecimento, o uso de drogas enquanto fenômeno e sintoma social surge? As drogas perfilam na história dos homens há tantos séculos, de tantas formas, por que só recentemente seu uso ganha essa dimensão tão preocupante?

Ao estarmos diante de um sintoma é importante refletir sobre suas causas, é importante considerar que vivemos em uma época em que os laços sociais, os discursos predominantes, como o discurso da ciência e o discurso capitalista minimizam a subjetividade, minimizam as diferenças, a globalização vai a busca de processos psicológicos de normalização de padronizações e de controles sociais, em detrimento a diferentes formas do inconsciente.

O mundo atual é marcado por uma crise de ideais. Nunca, em nenhuma civilização anterior, os ideais, as identificações, as grandes preocupações metafísicas, as questões fundamentais do ser sobre a vida, a morte, o sexo, pareceram tão sem sentido. Essa nova conjuntura tem sido catastrófica para o sujeito e para a subjetividade. A lógica do mundo globalizado, do capital, dos objetos de consumo, promove o enfraquecimento do sujeito. Fala-se até em morte do sujeito. Essa experiência de globalização se marca pela ascensão de um gozo desmedido, marcado por um excesso de satisfação, que prejudica o sujeito, em detrimento de um sujeito do desejo, do amor, do afeto, dos laços sociais, da comunicação.

Há cem anos, por exemplo, a sociedade visava os laços sociais, não se envergonhava nem do romantismo, nem do heroísmo, as satisfações pessoais, a vida de cada um ficava restrita ao privado. O sujeito encontrava-se dividido entre os ideais sociais e o seu desejo, suas pulsões, era a época dos grandes líderes, onde a moral podia ser aplicada como um guia de vida. Era a época da histeria, expressão do conflito inconsciente, como sintoma social.

Hoje, no império do consumo, onde o gozo da droga se adequa muito bem às leis do mercado, assistimos à irrupção de um gozo público, escancarado, da droga, da violência sem lei. A única lei é a do gozo.

É na predominância desses discursos, da ciência e capitalista, que vamos assistir à erupção dos denominados sintomas atuais: as síndromes de pânico, as depressões, as toxicomanias, as anorexias. Na predominância do discurso da ciência onde as representações, a erudição, a retórica, dão lugar a uma busca de causa formal, lógica, em que o sentido se reduz, em que o psicológico não interessa. Na cultura moderna há uma pretensão de reduzir o pensamento a um neurônio e confundir o desejo com uma secreção química.

No discurso capitalista a subjetividade tem valor zero o que vale é o saber fazer, é o saber produzir. O indivíduo não mais sucumbe aos ideais, mas à tirania dos objetos que ele se emprega a produzir.

Como no ato toxicômano, na ciência e no capitalismo a subjetividade, os desejos, são relegados a um segundo plano. O toxicômano prefere medicar-se a falar.

Assistimos a outro fenômeno surpreendente: na lógica capitalista: a criação de um mercado único de gozo, controlado pelas leis do mercado, no uso e comercialização das toxicomanias atuais, a exemplo da cocaína, da heroína e do crack. Diferentemente do antigo bebedor de coca-cola, que quer sempre coca-cola e resiste a qualquer alteração em sua fórmula, ou do bebedor de vinho, que é capaz de atravessar uma fronteira de um

país a outro para degustar a sua marca preferida, o toxicômano contemporâneo troca facilmente um produto pelo outro, de acordo com a oferta.

### ***Os sintomas são efeito dos discursos de uma época***

Esse quadro tem efeito sobre os sintomas que mudam com o tempo. Como cada época produz os seus próprios sintomas, sendo estes efeitos dos discursos de uma época, os sintomas do mundo atual, entre eles as toxicomanias se originam nessa crise de subjetividade, de autoridade, de redução do sentido, em que a singularidade do sujeito é eliminada. Essa é uma característica dos sintomas atuais, que vão ter claramente a marca desse discurso globalizado, a exemplo das toxicomanias.

Diante desse culto de assepsia total, não é de surpreender que as questões psíquicas retornem de modo fulminante, na sociedade, pelos cultos religiosos e místicos, e no corpo pelos sintomas.

Há uma mudança de paradigma no psiquismo e as toxicomanias são efeito dessa mudança de paradigma.

É insuficiente portanto concentrar nossa ação nas respostas, dedicarmo-nos somente à redução de riscos e danos oriundos de uma lógica, sem interroga-la, sem tentar quebrara sua força, sem problematiza-la.

Pergunto então, quais estratégias sociais, que intervenções do Estado da sociedade civil, da antropologia, da medicina das ciências sociais, do direito, podem ser utilizadas que permitam abris espaço á condição humana do desejo, que favoreça á existência de um homem desavergonhado de seus afetos, de seus desejos, de suas singularidades, que saiba eticamente que tem que se responsabilizar e lidar com sua condição de humano, de falante? Intervenções que favoreçam o deslocamento de uma resposta embrutecida que é o gozo fixado na droga, para outras modalidades de satisfação , como a arte, a literatura, a produção.